

DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

ornellas@estadao.com.br



CARTA A UM AMIGO

Redes sociais na internet

Meu caro leitor

Até pouco tempo abominava as chamadas “redes sociais” que se disseminam pela internet. Tipo Orkut, sua grande concorrente Facebook e congêneres. Em parte, por resistir ao desconhecido, na realidade por um preconceito: enxergava tais sítios como vitrines de sua própria intimidade. Nívelava-as às vitrines de Amsterdã, onde as profissionais do sexo se expõem em janelas de varanda abertas para a rua.

Capitulei há três meses. Foi numa conversa de fim de tarde com um amigo espanhol que nos visita regularmente. Disse-lhe que vinha tentando reagrupar jornalistas que passaram pelos programas que conduzo em São Paulo e que o sucesso não era tanto – coisa de 30% apenas. Ele sugeriu uma rede social; eu lhe expus minha resistência. “Mas há que procurar o meio adequado, você tem razão quanto a algumas, mas há outros que se prestam bem para isso”, disse-me ele.

Parti para a tentativa. Em 40 dias reagrubei profissionais que hoje se espalham pelo mundo; estão no Brasil todo, na Europa, nos Estados Unidos e na Ásia. Foi gratificante descobrir que 85% deles atuam com sucesso no mercado de trabalho. Em sua maioria nos meios de comunicação. Mas há gente em universidades asiáticas e norte-

NA ALEMANHA – Em uma certa viagem de jornalistas brasileiros à Alemanha na década de 1980, pelo menos um deles não queria embarcar no pequeno bimotor



americanas e outros optaram pela carreira diplomática – seguem atuando em embaixadas e consulados brasileiros. Também foi muito bom reencontrar amigos que as trilhas da vida separaram.

Um deles, hoje empresário de sucesso, contou-me como ia a vida em família, há 35 anos casado com a mesma esposa. “Como?”, contestei-lhe: “Mas foi ‘ontem’ que jantamos na Ala-

meda Barros e vocês me contaram que estavam namorando!”

A passagem mais curiosa, entretanto, foi com um companheiro de antigas jornadas. Ele sempre trabalhou em revista, eu sempre em jornal. O que não nos impediu, pela proximidade etária, de cruzarmos em várias ocasiões e celebrarmos daquelas amizades que ficam. Eu sigo em São Paulo, ele hoje vive em Londres, onde é correspondente de uma revista

de circulação nacional.

Pois noite destas, zapeando pela dita rede social no iPhone, encontrei uma conversa do meu amigo com outros de sua rede. Dizia ele, no linguajar típico desse ambiente: “só pra avisar: tou a fim de escrever uma web-série. confidencial. não contem para ninguém. confio neste grupo. tenho na cabeça alguns web-sódios já. mas caluda.”

Seguiram-se vários comen-

tários. Como este: “Fica só web-trenós. Ninguém ficará web-sabendo”. Botei meu bedelho: “Tenho foto do cassino de Baden Baden em 1985 (ou 1987?). Troco por figurinha da Copa.” Para a grande maioria dos que acompanhavam aquela conversa, isto parecia absurdo. E houve quem o denunciasse: “Meu Deus! Alguém caiu de paraquedas”. Não resisti: “Conta, conta pr’ele que está de Miguel nessa”, falei ao

MOGI DE A A Z

Fujitaro Nagao

Estive poucas vezes com Fujitaro Nagao. Infelizmente. Todas no final da década de 1960. Era um jornalista iniciante, um foca como falamos nas Redações. Ele, um bem sucedido empresário da avicultura e um ativista comprometido com a Colônia Japonesa, principalmente com aquela reunida ao redor do Bairro do Cocuera. Tinha 16 anos Fujitaro quando empreendeu a viagem rumo ao Brasil. Foi ter ao Vale do Ribeira; ficou pouco. Vendeu verduras pelas ruas de Santos. Juntou dinheiro e comprou terras em Ubatuba; não deu certo. Chegou a Mogi das Cruzes com 24 anos – era 1927. Nunca mais saiu. Foi sepultado aqui em 1990.

Apartir de seu sítio no Cocuera, onde implantou um núcleo modelo da avicultura – a Granja Nagao – consolidou a história de empreendedorismo da família. Foi lá que, pela primeira vez, o encontrei. Recebi da Redação de *O Estado de S. Paulo*, do qual era correspondente aqui, a incumbência de contar a história das galinhas que usavam óculos. Isso mesmo: eu também estranhei, achei que estavam me pregando uma peça. Por via das dúvidas, segui: para entrar na Granja Nagao, já na portaria, tinha os pneus do carro borrifados com spray desinfetante e os sapatos cobertos por um plástico. Dentro, uma série de galpões com milhares de poedeiras; em outras construções, as incubadoras; em mesas dispostas sobre chão imaculadamente limpo, jovens de jalecos



FOTOS ARQUIVO PESSOAL

1976 – Sempre ativo no envolvimento comunitário, Fujitaro Nagao na plateia de uma reunião política no teatro da Universidade de Mogi das Cruzes. Ele, cabelos brancos, olha para a câmara na 3ª fileira – está atrás de Sethiro Namie. Na 1ª fileira, da esquerda para a direita: Cláudio Abrahão, Nelo Boratto, Michel Namura, Marcos Borenstein e Roberto Escobar.



1929 – Fujitaro Nagao, sentado com a criança no colo, posa com a família à frente do primeiro caminhão que adquiriu – um Chevrolet

brancos e cabeças cobertas por gorros também brancos manipulavam pintinhos com uma

agilidade incrível.

O que eles fazem? Responderam-me: são sexadores de aves

– sim, vivem de examinar o sexo das pequenas aves que eclodem os ovos nas incubadoras. Escutei e anotei, não me atrevi a perguntar como faziam isso. Nunca voltei à Granja Nagao – passo ao largo quando uso a variante para chegar à Mogi-Bertioga – e passei a frequentar a Cotac, revendedora Chevrolet que a família adquiriu dos Borenstein nos idos da década de 1970. Foi lá que, há algumas semanas, levando um carro para revisão, encontrei uma das fotos aqui publicadas. E que me levou a estas lembranças.

Em tempo: havia sim galinhas com óculos. Mas eram mais tapa-olhos para evitar que elas bicassem os ovos recém-postos.

amigo hoje em Londres.

E ele retrucou: “Chico! Você! Por favor não conte para ninguém sobre as jornadas de Black Jack no cassino de Baden Baden em 1987. Especialmente não fale da vaquinha que nós fazíamos para que eu jogasse pela turma de jornalistas. Também não conte que o Rui ficava tremendo de medo num trecho que fizemos na Alemanha num aviãozinho. Mas as fotos – pelo amor de Deus – me mande. Tenho que lembrar que um dia tive 30 anos”.

Mandei-lhe as fotos, ele agradeceu. E esta semana cruzei com o amigo que “ficava tremendo de medo num trecho que fizemos na Alemanha num aviãozinho”. Eu chegava ao jornal, ele de saída. Deixou o jornalismo tempos atrás e incursionou pela política – hoje deputado. é o chefe de campanha de candidata à Presidência nas eleições de outubro. Conte-lhe a passagem, ele lembrou-se da viagem e confessou: continua com medo de avião. Dali, seguiria para Congonhas no rumo de Brasília. “Será mais hora e meia de suplício”, me disse.

Sabe de uma coisa? Fiquei fã de rede social.

Grande abraço do
Chico

SER MOGIANO É....

.... ter sido cliente do Argentino no Banco Moreira Salles

O MELHOR DE MOGI

Votar, nas eleições de outubro, em candidatos a deputado que tenham domicílio eleitoral na Cidade

O PIOR DE MOGI

Votar, nas eleições de outubro, em candidatos a deputado que não tenham domicílio eleitoral na Cidade

Para guardar

“Não te amo mais
Estarei mentindo dizendo que
Ainda te quero como sempre quis
Tenho certeza que
Nada foi em vão
Sinto dentro de mim que
Você não significa nada
Não poderia dizer mais que
Alimento um grande amor
Sinto cada vez mais que
Já te esqueci!
E jamais usarei a frase
Eu te amo!
Sinto, mas tenho que dizer a verdade
É tarde demais...”

Clarice Lispector

Obs: Leu? Leia agora no sentido inverso – de baixo para cima. E escolha a situação que melhor lhe sirva neste momento.